NAS RUAS

Manifestantes condenam Reforma da Previdência

GREVE GERAL - Categorias protestaram ainda contra os cortes de recursos para a educação e por mais empregos

Trabalhadores de diversas categorias e estudantes de instituições públicas e privadas de Belém saíram ontem em caminhada para marcar a greve geral contra a Reforma da Previdência em andamento no Congresso Nacional e em defesa da educação e do emprego no território paraense. Os manifestantes se concentraram na praça da República, em Educação Pública do Pará (Sintepp), Conceição Holanda, a importância da paralisação é sinalizar para o governo federal a insatisfação da classe com as decisões que estão sendo tomadas.

"É essencial que os trabalhadores estejam nas ruas hoje para dizer que não queremos esta reforma da previdência. Estamos motivados porque temos medo de não conseguir uma aposentadoria ao final "Nós somos a próxima classe trabalhadora, nós é que vamos ser atingidos com a reforma. Já vamos entrar no mercado de trabalho tendo que contribuir mais para ter uma aposentadoria".

IMPACTOS

Além da paralisação de diversos serviços e de pare da frota de ônibus de Belém, causou impacto na capital a interrupção

a partir das 10h, e saíram em passeata às 11h pelas avenidas Presidente Vargas, Nazaré e Magalhães Barata, seguindo até o Mercado de São Brás, onde outros manifestantes aguardavam a chegada da multidão. Foram três horas de protesto.

Segundo a organização, cerca de 20 mil pessoas participaram das mobilizações em Belém. A Guarda Municipal de Belém estava no local, mas não soube precisar a quantidade de pessoas nas ruas.

Em São Brás, os manifestantes fecharam o cruzamento das avenidas José Bonifácio e Magalhães Barata, interrompendo o trânsito. Pelo menos 40 ônibus ficaram parados no bloqueio. Alguns passageiros desistiram de esperar a liberação da pista e desceram dos veículos.

Nas primeiras horas do dia, antes da manifestação, vários movimentos de bloqueio de vias foram registrados em diversos pontos de Belém, Ananindeua, Marituba e Benevides.

A greve geral foi convocada por centrais sindicais e aderiram ao movimento bancários, professores, estudantes, portuários, rodoviários, caminhoneiros, servidores públicos, profissionais da saúde, urbanitários, trabalhadores da construção civil e outros.

Para a coordenadora do Sindicato dos Trabalhadores da vida e morrer trabalhando. Além disso, o governo não considerou as múltiplas jornadas das mulheres, que são as mais prejudicadas com as mudanças propostas", afirmou a sindicalista. Conceição Holanda defendeu a criação de políticas públicas que contribuam para que os trabalhadores deixem a informalidade e voltem ao mercado de trabalho.

Para a professora Rosaly Brito, da Universidade Federal do Pará (UFPA), o dia da greve geral foi muito importante para a história do Brasil. "Nós não aceitamos o desmonte das políticas sociais que o presidente quer nos impor, e a sociedade não vai aceitar que ele acabe com a educação", disse.

Estudantes engrossaram o ato. O acadêmico de Geografia na UFPA Eziel Duarte, integrante do grupo Juventude Vamos à Luta, acredita que esta é a hora para estar ao lado dos trabalhadores.

Os manifestantes saíram às 11 horas em passeata da Praça da República e seguiram até o Mercado de São Brás

dos trabalhos nos canteiros de obras. O coordenador geral do Sindicato da Construção Civil de Belém, Ailson Cunha, disse que os trabalhadores do setor tomaram a decisão de continuar parados em assembleia: "Essa reforma não beneficia nossa classe, então nós não poderíamos estar de fora desta luta. A mudança vai tirar mais direitos dos trabalhadores, já que homens e mulheres da construção civil não vão mais receber o PIS, por exemplo. Portanto, nosso sindicato está junto nessa luta".

O deputado federal Edmilson Rodrigues (PSOL), que participou do protesto junto com a deputada estadual Marinor Brito, do mesmo partido, destacou, em cima do trio, que "o Brasil todo está mostrando sua disposição de luta contra o governo de Bolsonaro. Eles querem tirar o salário dos pobres e dos trabalhadores. É um governo que não investe para cobrar a dívida das empresas, mas tenta destruir a força dos órgãos responsáveis pela fiscalização financeira, para que as empresas sonegue, fiquem mais ricas e financiem suas campanhas. Ninguém tem o direito de votar nessa proposta, e quem votar está vendendo voto e destruindo nosso futuro", protestou.

As mobilizações também ocorreram nos municípios paraenses de Santarém, Castanhal, Altamira, Barcarena, entre outros.